

Ano lectivo 2011/2012
Professor Doutor Pedro Ferraz de Abreu

Seminário Fundamentos E-Planning

Doutoramento E-Planning

Isabel Claro nº30400

A comunicação é o código de entendimento entre indivíduos, seja ela de que natureza for – oral, escrita, outras. Ao longo do progresso da humanidade a necessidade de evolução do nível de raciocínio e abrangência da comunicação, foi evoluindo, em consonância ao desenvolvimento das sociedades. A tecnologia aliás toda ela foi progredindo no pressuposto da desactualização imediata do avanço tecnológico o que promoveu uma insatisfação no alcance imediato do objectivo propulsionando a ambição de progredir em novas inovações.

O alcance da informação ao seu objectivo máximo é a preocupação perseverante no esforço da comunicação. Nos primórdios com um carácter acentuadamente mais físico onde a voz era vista como parte estrutural do físico do homem, e pautava o alcance do poder, mas ao longo do tempo adquiriu contornos de uma persuasão mais estruturada em termos tecnológicos, com preocupações mais profundas e fundamentadas em novos conceitos de indução ao individuo objecto da mensagem.

Embora toda a humanidade esteja profundamente marcada com esta conjectura, os últimos séculos marcam sem dúvida o grande impulso do rápido avanço tecnológico. Nesta fase se concentram os grandes marcos dos patamares da comunicação e do avanço da tecnologia para esse fim. A telecomunicação, por meio da utilização do telefone e a propagação dos manuscritos, permitiam a possibilidade de difundir um conhecimento mais amplo do que até então, marcava a possibilidade de uma imposição de um novo alcance ao factor de potenciação da voz e das ideias. Este embora de uma forma ainda linear marcava uma nova dimensão espacial na obtenção imediata da informação. Verificava-se contudo a incapacidade de multiplicar os receptores de uma forma integrada, essa capacidade verificou-se com a era do broadcasting, onde novas potencialidades da comunicação foram ampliadas. Inclusivamente com uma maior implementação da democracia, pois a propagação de notícias e histórias ganharam a partir de então novas realidades de movimentação de massas a favor ou contra o sistema. Esta realidade embora não muito diferente do período anterior tinha um efeito de maior mobilização, factor percebido e aproveitado em vários exemplos mundiais na mobilização contra regimes e rebeliões.

A Revolução Industrial estruturou novos pensamentos sociológicos e filosóficos sobre a tecnologia da informação. Vários autores se debruçaram empiricamente sobre este tema, e rapidamente apuraram o valor estrutural da tecnologia aos vários interesses sociais e políticos, verificando a necessidade geral do planeamento como uma concertação de interesses que se interligam e se estruturam num todo. Os planeadores deviam de uma forma inteligente manusear os interesses da sociedade, olhando para este poder como uma arma válida para a luta dos interesses dos menos favorecidos, apostando inclusivamente num papel mais activo nas sociedades integrando uma parte politica nessas conveniências (segundo Albrecht).

A voz dos líderes atingia contextos até então inimagináveis, a imagem era um trunfo de imposição e persuasão, sendo que representava uma nova forma de comunicação que ampliava o cenário de dramatismo dos emissores da informação caracterizando-a de um novo protagonismo.

A era da internet alterou o paradigma mundial no que respeita às hierarquias impostas na comunicação, o receptor e o emissor perderam o seu carácter estruturante e singular, podendo alterar-se e revezar-se. Este estado remete-nos ao que alguns sociólogos apontam como era da participação, nomeadamente Oakley.

No entanto os problemas inerentes à democratização da Web não são fáceis de resolver segundo Tim Lee, dado que um produto desenvolvido com o intuito de servir a comunidade em amplo sentido, se tende a desfragmentar em áreas democratizadas e acessíveis a todos, e outras que são restringidas de um modo pouco correcto, e cujas leis não aplicam condenação, devendo ser os utilizadores a opor-se veemente a esse abuso. A comunicação não deve ser estandardizada em modelos impostos por grupos económicos. Todos devem poder aceder, usar, recorrer, alterar dentro de limites próprios à liberdade de cada um, a este bem que é fundamental nos dias de hoje, a pessoas individuais, colectivas, para quase todos os fins desde profissionais a lúdicos.